



DANSA POPULAR NA RUSSIA.

A RUSSIA. (I)

POPULAÇÃO; DIFFERENTES RAÇAS; INSTITUIÇÕES.

I.

SE se considerar unicamente a cifra da população da Austria, este paiz deveria figurar entre as nações slavas; se se olhar ás condições actuaes do seu desenvolvimento politico, pôde afirmar-se que ou elle ha de tornar-se cada vez mais slavo, ou ha de perecer. O imperio ottomano contém alguns milhões de slavos, na Bulgaria, na Bosnia, na Servia, estreitamente ligados ao governo turco, que não despresa meio algum de dar satisfação aos seus agravos. Pôde dizer-se afoutamente que se a Austria se resolver a seguir, como a Turquia, uma politica favoravel aos slavos, estes repellirão sempre o pepsamento de aproximar-se á Russia: o interesse dos dous imperios, a sua salvagão e a da Europa está em evitar o trium-

pho do panslavismo, isto é, do projecto de uma união de todos os slavos sob o estendarte da Russia.

Suppondo que a annexação dos slavos da Austria e da Turquia ao imperio russo pudesse realisar-se sem arrastar consigo os 5 milhões de magyares, os 7 a 8 milhões de valaquijs e os 3 a 4 milhões de allemães encravados na raça slava, a realisação do panslavismo daria á Russia perto de 25 milhões de almas. Ora a Russia, comprehendida a Polonia, a Finlandia e a Siberia, conta, segundo as mais recentes estatisticas, cêrca de 66 milhões d'almas: e n'esta hypothese montaria a sua população a 90 milhões, e a 105, pelo menos, comprehendidos os magyares, os valaquijs e os allemães. A leste seria sua fronteira a America; ao norte os gelos polares; ao meiodia o Bosphoro, o Mediterraneo, o Adriatico e Veneza; ao oeste Vienna. Eis-aquí o germen do monstro tal como o imaginaram os poetas panslavistas, e mórmente Kollar, o mais leal e o mais sincero de todos.

De resto a Russia, na sua organisação, não se compõe unicamente de slavos: contam-se em seu seio nove outras raças principaes. Na extremidade sudoeste do imperio encontrámos a raça tartara, com seus usos nomadas, depois a grande raça caucasica.

(1) Vejam-se na collecção d'este semanario os volumes 3.^o — pag. 133 e 272; 4.^o — pag. 57; 3.^o — (3.^o da 2.^a serie) pag. 72.

de que fazem parte os arménios, um dos mais antigos povos do mundo, os mongoles, os mandchous, os samoiedas, os allemães, do Baltico, os judeus, da Polónia. Entre as diversas raças do imperio, é mister ainda citar os finnezes subtraídos á Suecia, e que apresentam um caracter particular de antiguidade, e os lithuanios, povo dotado das mais preciosas qualidades do guerreiro e do poeta, e cuja historia está recheada de tradições religiosas e mysticas. Os lithuanios, de todos os povos não slavos, são aquelles que mais se tem aproximado do slavismo: cultivaram largo tempo intimas relações com a Polónia, e deram-lhe estadistas e poetas, que exerceram uma influencia espantosa sobre o seu desenvolvimento historico. A propria raça slava, que é a base do imperio, não se apresenta compacta; divide-se em differentes famílias — que pôdem comprehender-se em dous grandes grupos — russos e polacos.

Se se subtrahissem ás populações slavicas do imperio russo as que não deveriam d'elle fazer parte, os polacos (15 milhões d'almas proximoamente) que reúnidos á Poónia prussiana e á Galitzia, formariam uma nação de 23 milhões, o total da população da Russia reduzir-se-ia a 51 milhões d'almas: é esta a sua verdadeira força numerica, grande na realidade, mas que derramada por um territorio immenso perde parte da sua importancia. Este territorio, que facilita á Russia um desenvolvimento consideravel dentro das proprias fronteiras, offerece á administração difficuldades que só no futuro pôdem ter uma compensação.

Por outro lado a organização politica do país proporciona ao governo grandes meios de acção, algumas vezes neutralizados por incontestaveis imperfeições. As instituições da Russia não foram publicadas de uma vez: e compõe-se já das tradições, já dos decretos e ukases successivamente publicados para regular tal ou tal ponto da legislação. A servidão e o poder absoluto são os fundamentos da sociedade russa. Não formará, porém, idéa exacta d'esta sociedade, quem tomar aquellas duas palavras no sentido restricto e litteral. Uma e o outro existiram em diversos paizes da Europa, em França, por exemplo, e nunca tiveram o caracter que os distingue na Russia. A servidão é ali menos pesada, menos oppressiva talvez do que o foi entre os povos occidentaes, onde sabemos que tinha origem no direito de conquista. Na Russia formou-se por si mesma a instituição do occidente, sem ser o resultado violento da dominação de um povo sobre outro povo: regularizou-se, e para assim dizer, aperfeiçoou-se, tornando-se tão toleravel quanto pôde ser o uma instituição similhante. Por isso poucos exemplos, relativamente, se encontram nos annaes do imperio de servos russos assassinarem seus senhores, sendo aliás bastante consideravel o numero dos que não tem querido aceitar a emancipação que lles era concedida. Neste facto ha mais que a estupidez desprezando os beneficios da liberdade, ou a cobardia que recusa affrontar a fome a preço da independencia individual; não é o grosseiro raciocínio do socialista, sa quem o senhor ou o estado garantiu o trabalho e o pão, mesmo faltando trabalho, e que desadora uma sociedade onde só possa obter-se uma posição favoravel pelos esforços da propria intelligencia e valia: o camponês russo aceita a sua condição, porque ao lado da tyrannia de alguns proprietarios ha tambem em alguns pontos certas relações que fazem lembrar a vida de tribu, e muitas liberdades communs que satisfazem as suas ambições e necessidades na actualidade. Estas considerações combato de qualquer modo servem a utilitar a servidão: a idéa da emancipação civil

tem feito rapidos progressos de alguns annos a esta parte, e pôde já asseverar-se que a servidão ha de acabar na Russia, como acabou na Austria. Todas as leis promulgadas por Alexandre e por Nicolau, relativamente á situação dos populares, têm esta tendencia.

O poder absoluto esse, pelo contrario, tem na Russia uma extensão hoje desconhecida nos paizes do occidente. Luiz XIV nunca obteve as prerogativas que a nação russiana reconhece no imperador da Russia. Principe e pontifice mais absoluto que os sultões, cujo poder tem sido sempre, pelo menos em theoria, limitado pelos ulêmas, e é hoje circumscripto pelas leis, o imperador da Russia, não tem que dar contas senão a sua consciencia e á opinião publica: é o autoerata; é a cabeça do corpo social; é d'onde parte toda a acção, é para onde converge tudo; é a igreja e o estado ao mesmo tempo.

Seria tão inexacto asseverar que a Russia possui uma legislação positiva, e que o arbitrio do soberano não é superior a todas as leis, como dizer que a Russia não tem legislação, e que a vontade do soberano não encontra por vezes obstaculos, que pôde sem duvida destruir, mas que nem por isso deixam de ser leis. Não fallando da opinião publica, que sob uma fórma mais ou menos esclarecida, tem tambem sua preponderancia, e que nenhum poder em tempo algum pôde arrostar impunemente, a Russia tem regimentos, decretos e ukases, n'uma palavra um corpo de legislação, que os subditos, senão o imperador, são obrigados a respeitar. As leis russas foram colligidas no reinado do imperador actual. A colleção d'estas leis compõe-se de nada menos de quarenta e cinco volumes em quarto. Diversos ukases, dos quaes alguns remontam aos reinados de Catharina e de Alexandre, regulam os privilegios e condição da nobreza, a situação das cidades etc. A nobreza russa divide-se em tres classes: a primeira comprehende as famílias titulares e a antiga nobreza; a segunda, as famílias a quem os titulos nobiliarios foram conferidos por favor especial; a terceira, as famílias da nobreza administrativa (*Tchinovniécs*). A differença entre as duas primeiras classes da nobreza é apenas nominal. Os empregos que conferem a nobreza de terceira classe são divididos em quatorze graus. No exercito, os oito primeiros dão a nobreza hereditaria; os seis restantes, a nobreza pessoal. Antes de 1845 a ordem civil era quasi tão considerada como a ordem militar; adquiria-se a nobreza pessoal entrando na decima classe, e a hereditaria passando á oitava. Um ukase substituiu então em grande parte a nobreza pessoal pela *notabilidade burgueza*, que goza da maior parte dos privilegios outorgados á nobreza. A *notabilidade* é hereditaria. A nobreza hereditaria obtem-se entrando na quinta classe com o grau de conselheiro d'estado. No exercito todas as patentes acima de major, e na hierarchia civil todas as funcções de uma ordem superior aos assessores dos collegios, fazem parte das oito primeiras classes. As quatro primeiras comprehendem todos os funcionarios de grau igual ou superior ao de major-general (marechal de campo) ou de conselheiro d'estado em serviço effectivo. A nobreza é isenta de impostos, do serviço militar, e das penas corporaes. Um dos seus privilegios é poder adquirir a propriedade de paisanos. E-lhe permittido commerciar, e para isso deve inserver-se nas tres classes de negociantes privilegiados. Estes constituem a segunda classe da burguezia das cidades, que é dividida em seis graus. O primeiro comprehende os tres principaes corpos (*guildes*) dos commerciantes; o primeiro é composto dos que possuem 50:000 rublos de capital; o se-

gundo, dos que possuem 20:000 rublos; o terceiro, dos que tem 8:000 rublos. Estes tres corpos constituem, como já dissemos, a terceira classe da burguezia. A terceira classe comprehende os burguezes das corporações dos mesteres, officiaes e mestres, inscriptos nos livros das ditas corporações. Na quarta classe são collocados os estrangeiros, que não se acham distribuidos pelas outras classes; a quinta compõe-se dos burguezes que desempenharam honradamente todas as funções municipaes, os que completaram os estudos nas academias ou universidades, os artistas, os membros de uma academia, os banqueiros que declararam possuir 100 a 200 mil rublos de capital, os negociantes de grosso trato, que não têm lojas, e os que expedem para o estrangeiro navios de sua propriedade. Na ultima classe dos burguezes incluem-se todos os que vivem do seu trabalho.

Dissemos que o paisano russo não se acha privado de toda a especie de liberdade administrativa; com effeito a *communa* (municipalidade) russa governa-se independentemente; é ella que todos os tres annos reparte as terras pelos paisanos, fixa a taxa de contribuição pessoal, de accordo com o delegado pelo *senhor*; é ella igualmente que paga as contribuições em divida, que são rateadas por todos os habitantes.

A nobreza possui tambem algumas liberdades que são como o simulacro das suas antigas isenções. Em cada governo ou provincia a nobreza reúne-se de tres em tres annos para deliberar sobre os interesses da provincia, eleger certos funcionarios da hierarchia judicial, cuja nomeação lhe pertence, e ouvir as reclamações e representações do governador, órgão do poder central. O governador não tem o direito de assistir á assemblea da nobreza, nem pôde declarar-lhe as suas intenções senão por escripto; aquella porém pôde fazer-lhe, directamente, quaesquer observações, dirigil-as ao ministro do interior, e até nomear para esse fim deputados ao senado ou ao imperador. A nobreza goza da prerogativa de propôr candidatos aos empregos civis. Os nobres em estado de servir, e que pertencem a alguma das oito primeiras classes, declaram todos os tres annos se querem ser empregados, e em que provincia; a assemblea vota sobre estas candidaturas, e o resultado do escrutinio é remettido ás auctoridades superiores centrais. O senado e o imperador escolhem, no caso de vagatura de emprego, entre os nobres assim indicados pelas assembleas. Aquelles nunca podem ser empregados n'uma cathogoria inferior á classe a que pertenciam; mas se ainda não fizerem parte das oito primeiras classes, não podem ser collocados senão como simples officiaes nos ministerios.

Os habitantes das cidades ou burguezes tem, como a nobreza, o direito de reunir-se de tres em tres annos, com auctorisação do governador geral, para eleger os seus magistrados. Pódem tambem dirigir reclamações á auctoridade superior da provincia.

Estas leis, pelo que respeita á nobreza, fundam-se no edito de 21 de abril de 1783, e pelo que respeita á burguezia, em um outro edito da mesma data. Estes editos foram desenvolvidos ou modificados depois por diferentes ukases de Alexandre e de Nicolau. Tem-se observado que uma das tendencias do poder absoluto é mirar á igualdade, firmando-se na obediencia dos pequenos, para mais facilmente entrear a ambição dos grandes. Este é o pensamento e o espirito dominante da legislação russa desde Pedro o grande; a autocracia tem tido constantemente por fim destruir a influencia das grandes familias, pondo a classe dos funcionarios acima da nobreza de nascimento, e tornando a admissão aos empregos publicos necessario ás mais modestas fortunaes. Os mais

acanhadas ambições. O mesmo pensamento revelam as leis promulgadas nos dous ultimos reinados para proteger os paisanos contra os vexames dos seus senhores. A emancipação ainda não foi decretada; mas o czar, pelo menos, tem dado bem a entender que ella é possível, e que será até necessaria um dia. O camponez russo está costumado a acreditar, e com alguma razão, que é o imperador que o protege contra a tyrannia senhorial. No dia pois, em que a nobreza lhe fosse fallar de governo constitucional, de garantias e de direitos politicos, talvez que só visse n'isto uma ameaça para o poder de quem espera protecção, e em vez de marchar com ella fraternalmente á conquista da liberdade politica, é de presumir que a considerasse como inimiga, e se preparasse para a combater e annihilar.

A SÉ DE COIMBRA (I)

COIMBRA, como as cidades, que decaíram, é hoje apenas a sombra do que foi. Pouco resta da corte, d'onde os primeiros monarchas saíam a repellir a conquista arabe obrigando-a a ceder com a espada sobre o peito. Os crentes do propheta, apertados entre as lanças e o mar, disseram por fim a Portugal o mesmo adeus, que o ultimo rei mouro, suspirando, enviava depois ás torres de Granada. Dos filhos do Islam os mais felizes voltaram ao deserto; os outros, trocando o dominio pelo captiveiro, receberam os mesmos ferros, que tinham lançado; e as mesquitas consagradas ao culto catholico, e os alcaceres applicados ao uso dos principes christãos, attestaram por alguns seculos (erguidos e intactos) a opulencia, e o gosto dos invasores, apar da valentia rude mas heroica dos guerreiros, que tão cáros pagaram a prego de sangue estes trophéos, orgulho das nações; porque as cidades, como os homens, tambem se desvanecem com as rugas e a pallidez cadaverica dos monumentos, que attestam a antiguidade da sua origem. Mais poderosas, escrevem no marmore a sua genealogia! Eis a differença.

Longe de estranhar a devoção pelo passado, entendemol-a e respeitamol-a; é a saudade do povo e o orgulho da patria. Aquelles tumulos são brazões; pó que está debaixo d'elles, mostra-lhe o que resta dos heroes estimados da sua memoria. Os templos, os castellos desmoronados, as ruínas, mais ou menos ultrajadas pelo tempo, recordam as scenas heroicas de que foram theatro. Quem passa defronte da antiga Sé de Lisboa, quando levanta os olhos e contempla as torres, a que os seculos deram aquella cor veneravel, não sente o coração batendo mais rapido?

Com a Sé de Coimbra succede o mesmo. Raro ha de ser o monarcha distincto, de que alguma d'aquellas pedras não lembre o nome, a começar por Afonso Henriques. A cathedral tem a sua historia lavrada a escopro e a cinzel, como os archivos guardam os pergaminhos do paciente, e ás vezes interessado zelo dos chronistas. Quando se considera demais perto e se estuda o livro de pedra, como diz Victor Hugo, n'este periodo de crenças profundas e de paixões sinceras, a imaginação quasi que nos restitue o vulto dos bispos e dos reis, que dormem sob as suas alobadas. O silencio, a propria vetustade, e a grandeza solitaria que respiram, fazem saudade, e infundem respeito. Infeliz do homem que enviado cita o appellido de um antepassado, ou vendo os res-

tos de um edificio da idade epica, não sente, ou não percebe nada! Se fosse o povo, e não o individuo, a hora da sua absorpção estava proxima. A patria ama-se tanto pelo que é, como pelo que deixou de ser!

De todas as cidades historicas de Portugal, (permitta-se a phrase) Coimbra é uma das que mais attrahe e nunca esquece. Antes de a pizar o desejo de a vêr não cessa; depois de a ter estudado, e de se estar longe a ausencia recorda-a com as suaves collinas, que a fazem tão pittoresca; com os pomares e hortas, que a rodeam de um cinto de flores e de verdura; com as aguas limpidas de que é banhada pelo rio, que se esparguica no verão sobre a areia por baixo dos salgueiros descabellados, não parecendo o Mondego caudal, que as cheias arremessam no inverno embravecido e espumante! Vista de fóra, que aspecto risonho, que ar de festa e de alegria?! Vista por dentro, como Santarem, como Torres Novas, a cidade actual não é senão o sepulcro da cidade aonde passaram os amores de Ignez e de D. Pedro, e as scenas do ciúme do infante D. João e da morte de Maria Telles. Entre as casarias novas e caiadas, os paços negros e carcomidos que se levantam aqui e acolá dizem-nos que a Coimbra moderna ainda não comeu de todo os restos de Coimbra antiga. Os demolidores não a pouparam contudo. Mais de uma ferida cruel e barbara mostra o logar, em que bateu o camartello. A alcaçova desapareceu. Os muros torreados do castello, famoso pela tradição de Martim de Freitas, estão rasos. Desde o Marquez de Pombal, que deitou por terra o alcacer (esse ao menos para honrar a sciencia!) até ao obscuro senador municipal que mandou pôr em leilão as suas portas chapeadas, a serie dos niveladores tem sido constante em todos os seculos. Não houve um só que entendesse que arrancar estas joias ao diadema da rainha da Beira era manchar-se com uma profanação vandálica!

O que resta hoje da Coimbra do seculo 12.^o descripta por Edrizi? O que lembra a cidade, que o mouro vigiava do recinto inexpugnável de Santarem e do seio da opulenta Lisboa? Aonde estão as boas murallas, cinto guerreiro da graciosa collina, em que a filha do Mondego se reclinava? As tres portas, que abriam para o rio e para os campos, e os adarves, as torres da fortificação antiga, que é feito d'ellas? O que se encontra nas ruas, aonde se perfilam uniformes e alinhadas as casas modernas, que dê uma idéa remota das ruas íngremes, e ençagadas que se baralhavam n'uma rede de vielas, becos e pequenos terreiros, formando um labirinto de que temos fiel imagem nos bairros velhos, conservados na capital de D. José I? O piso espaçoso e a limpeza, que até as villas offerecem agora, não existiam então na côrte. Estreitas e sombrias ladeiras, torcendo-se umas vezes, quebrando-se outras em quinas agudas, eram cortadas por enxames de barracas e de casas aninhadas ás tres e ás cinco, descendo do alcacer e da Sé, e enredando-se em bairros escuros e emmaranhados. Algumas habitações apenas rompiam a cinta dos muros, e iam levantar-se fóra das portas, na côrte externa.

As casas, ainda arabes em grande parte pela construcção, erguiam-se dentro de altas paredes, rodeadas de gallerias, e o cirado arrematava-as. Os pateos interiores uniam a frescura dos tanques e das fontes à verdura das arvores, e ao perfume das flores. Nos sitios menos antigos, os tectos esguios, a torre posta no centro, e a corôa de ameias, annunciavam a morada nobre; em quanto de um só andar, ou todas terreas, se encolhiam junto d'ellas, as tendas, segundo então chamavam as casas populares. Tudo exprimi-

via o odio do nivel e do compasso, como succede nas cidades que não surgiram á voz de um só homem. Obra de raças e de crenças oppostas a architectura, e o plano representavam a resistencia das idéas e das epochas. Eram o documento irrefragavel da lucta de duas civilisações tenazes.

Quem pára diante da Sé velha de Coimbra, e olha para o carcomido e pallido portal, vendo as hervas e os musgos enleando-se e vestindo as ameias, e a face rugosa do templo, perguntará se a mão da raça goda, ou a arte arabe é que tinham elevado os pannos d'aquelles muros, a que o tempo deu a côr da verdadeira antiguidade. Estão ali duas escolas distinctas. Uma severa como a fé dos soldados de Ourique; outra caprichosa e florida como a esperanza e o desejo dos navegadores, que além dos mares procuravam os reinos da aurora. Atraz dos lavores do seculo 16.^o estão as feições austeras de epochas mais rudes. A velha cathedral assistiria á queda dos invasores do norte; ou filha do Islam e sultana de orgulhosos walis, só depois de feita é que por baixo das abobadas e das arcadas ouviu soar a voz de Sisonando, e sentiu o som das grevas do conde Henrique?

A historia resolveu a duvida! A Sé de Coimbra tem a sua idade registada nos documentos; e as lendas do povo por mais attractivas, não podem obscurer o testemunho dos seus archivos. Extractaremos dos pergaminhos nobiliarios as noticias mais curiosas relativas á cathedral; os costumes e o caracter da epocha, ainda que esboçados de leve, hão de caracterisar-se com relevo ao mesmo tempo.

(Continúa.)



ACCENTOR ALPINUS.

A NOSSA gravura representa um specimen da elegante avesinha, a que os ornithologistas deram o nome scientifico de *accentor alpinus*, designando este ultimo termo a região que o *accentor* frequenta, e onde habitualmente vive, a região dos Alpes, sendo mui raro apparecer nos outros paizes da Europa que não são cortados por aquellas magestosas montanhas.

Assemelha-se á toutinegra, assaz conhecida nos nossos campos, principalmente pela fórma dos pés e do bico, e pela côr da plumagem; mas no *accentor alpinus* esta é, em geral, mais deslavada; nas pennas que lhe guarnecem as azas observam-se também certas manchas, mas de uma côr menos viva e brilhante. O corpo da ave é menos avermelhado, e apresenta o dorso e o côlo de uma côr mais carregada. Mas o verdadeiro signal característico do *accentor* consiste em ter o pescoço guarnecido de pennas mui finas e macias com umas malhasinhas pretas, dispostas com regularidade e symetria.

O exemplar copiado na estampa existe no gabinete de historia natural de Cambridge.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTÓRICO.

CAPITULO III.

Nem sempre a voz do povo é voz de Deus.

Mestre Zacharias passou o mais depressa e o mais de leve que pode; pé ante pé; mas o homem da Portagem dormia como Argos. Pelo canto do olho espreitou a presa, e apenas o bondoso thesoureiro virava a esquina, saltando sobre as muletas, aos pulos como um louva-a-Deus, o estafermo deitou a correr atraz, gritando como se viessem os telhados a desabar.

A má sina do judeu deparou-lhe justamente outro perseguidor, na pessoa do famoso Pedro Britador, Vulcano de Coimbra, e o melhor ferreiro, alfageme, de todo o reino n'aquelle tempo, em que não era nascido ainda o afamado alfageme de Santarem. Mestre Pero era espadaúdo, de cabellos pretos e crespos, tez morena, olhos reluzentes, e pulso capaz de metter dentro a testa a um touro, se lhe acertasse com o punho em cheio.

Estava assobiando á porta da forja, e acabando de pulir uma cutella de largo ferro. A haste, grossa e curta, pintada de fresco, seccava ao sol, fóra da porta. Dentro era um inferno de malhos, batendo arnezes e capellos, no meio da cantilena bronca dos cyclopes, cujo carão fusco fazia um effeito singular e quasi diabolico ao fogacho avermelhado das fornalhas.

D. Zuleima enfiou. Conhecía o bom amigo que tinha no armeiro. Duas penhoras injustas apearam do fóro de cavalleiro-villão (1) o illustre Pedro Britador; e o obsequio fóra toda obra do melifluo thesoureiro. Jurou-lhe pela pelle até á primeira occasião: que o ferreiro sabia cumprir as suas promessas até os inimigos o diziam, e mestre Zacharias primeiro do que ninguem. Por isso apenas deu de cara n'elle doeram-lhe as costellas. Cozendo-se com a parede, procurava esgueirar-se, fazendo-se muito humilde e muito pequeno.

Pedro Britador deixou-o ir até á praça de Almeida, logar da *picota* ou pelourinho. Depois soltou um assobio agudo para dentro da forja, pegou na haste da ascuma, e em duas passadas estava com o risinho Iscariote.

O páu girou no ar, gemeu, e desabou, com a força da alavanca, no costado do virtuoso D. Zuleima.

— «Então, amigo velho? Assim se ía rolando sem fallar á gente?»

— «Deus de Moysés!» exclamou, furtando o dorso a victima atordoada, e fitando no armeiro dous olhos pasmados de medo.

«Malha, malha meu armeiro.

E não cesses de malhar.

Bate o ferro qu'está quente.

Té a mão te calejar!»

rezava em côro, ao mesmo tempo, uma chusma de galliotes, couteiros, e moços de monte, apenados pela cégarrega da Portagem que pulava, bracejava, e balouçava as corcovas a compasso da matinada infernal.

O judeu lembrou-se da prizão de Christo no horto, e ficou de neve. Aquillo podiam ser reprezalias, tomadas ao seu povo, na pessoa d'elle innocentissimo D. Zuleima, mil e duzentos annos depois, segundo a sua memoria lhe apontou.

Entre tanto o vulgacho enxameava, zumbindo á roda do padecente. As pragas dos homens do rio abriam-se com ellas céus e terra. A voz taurina de mestre Pedro, e o falsete arrenegado da cigarra, em dueto de bravura, attrahiam a cada instante novos espectadores. Muitas cabeças de curiosos começavam a arriscar-se pelas frestas esguias, e pelas portas entrecabertas das casas vizinhas. Alguns minutos passados as ruas trasbordavam de povo. Era uma feira!

Mestre Zacharias tremia como varas verdes. Sentia-se na bôca do lobo. Fullo-verde, fullo-roxo, fullo-livido, torcia a bôca em visagens avinagradas, torcia os braços em momices lacrimosas, e no meio do arruido era um vivo telegrapho descrevendo o medo.

— «Deus de Izaac e de Abraham! . . .» soluçou, virando-se, e revirando-se com a rapidez do sarilho a cada murro anonymo, a cada pontapé clandestino, que lhe remettiam cordealmente ás costas e ás pernas os mais proximos dos scribas nazarenos.»

— «Blasphema, não ouves?» berraram muitos da chusma.

— «A tormento! . . . façam-lhe cuspir o nome dos malditos idolos.»

— «Ouro derretido pelas guellãs da serpente! E do que roubou ao povo!»

— «Alto! gritou o armeiro. Leva rumor! onde estão os alvasis? . . .» (1)

— «Não queremos alvasis, morram os alvasis! . . .» exclamaram muitas vozes.

— «Deixa viver quem vive, asno!» atalhou o misericordioso Pedro. «Os alvasis cá d'arraia miuda é que eu digo.»

— «Aqui, aqui os tens. Somos nós todos!»

— «Bom! Vamos a sentenciar o Judas das burras. Lei do povo. Pão e páu. Foi elle quem nos comeu o pão? Não é assim, rapazes?»

— «E o que lhe póde fazer a gente? Dar-lhe o páu! Viva o alfageme!»

— «E os alvasis do concelho forem-lhe depois os ossos com outra pelle! ou multem-nos, que eu, que nós lhe diremos o que ha de ser! . . .»

— «Abaixo os alvasis! . . .»

— «Acima, grito eu! Cigarra da Portagem. uppa! Faço-te meu alvasil; mais tu; mais estes

(1) Era uma posição, que pelos foraes antigos os plebeus podiam alcançar, e que dava direito a varios privilegios.

(1) Os alvasis eram magistrados municipaes com attribuições muito mais amplas, do que as dos vereadores modernos. Entre ellas incluam-se funcções judicias.

Bem! Eu sou o porteiro; vós os homens bons; e que venham cantar-nos que a gente não sabe justiça!"

A medida que fallava, o tribunal improvisava-se, os barqueiros arruavam-se; e o judeu entre baldões era arrastado á presença dos inclementes juizes, no meio do tropel dos rapazes, e do resmungar das velhas, a parte mais desinquieta do auditorio.

A farça prometia.

— «Vem cá judeu, iscarriote, damnado feiticeiro,» exclamou a cigarra da Portagem, «não déstes mal de olhado a esta cidade?»

D. Zuleima tinha a lingua grudada ao ceu da boca, e a garganta tão apertada, que nem um som o deixou articular.

— «Anda, falla!» insistiu o coreovado.

— «Não se cancem a puxar pela lingua a essa vitoria, que fez pacto com o demonio, sabbado de Nossa Senhora é hoje?» acudiu uma acieada matrona, que pelo tezo e engomado das empinadas toucas dava ares de pessoa devota. — «O excommungado do bruxo não me chupou o sangue de dous netinhos, sem temor de Deus, nem dos meus bentos santos!?!...»

Um brado de horror saiu da multidão, acompanhado de um impeto contra D. Zuleima. O armeiro interpoz-se.

— «Vamos, tia Bona! Deixe andar a justiça...»

— «Coxa seja ella, e cega eu, Deus me perdoe, se me calar!» gritou uma oitava acima a veneranda matrona. Dous anjinhos, dous serafins do throno do Deus-Menino!»

E mostrava duas creanças pardas, enfezadas, e feisimas, que trazia pela mão.

— «Deitou praga na vinha de mestre Chambão. Toda se lhe queimou com a geiada.»

— «Aflogou em tosse a Pero Calvo do rio.»

— «Fez penhora a Estevam Caiado, e pol-o a pedir esmola.»

— «Brada ao céu!...» exclamaram em chusma os barqueiros e ferreiros tinindo os ferros, e batendo os reinos, em arremesso contra Zacharias.

— «Ougam os alvasis!... chuta!» barafustava a cigarra da Portagem.

— «Sessenta agoutes!» disse um dos juizes.

— «Noventa!...» acudiu outro.

— «Duzentos!» concluiu a cigarra, dêem-lhe dous centos por minha intenção!

— «Quem ha de dar tanto agoute?!...» bérrou a voz taurina de mestre Pedro.

Mas a bulha crescia; os apupos, os uivos, e as palmadas atroavam tudo. Era um motim formal. De quando em quando toucas, gorros e sombreiros dançavam no ar entre rizadas populares. Havia ondulações continuas n'aquelle mar de cabeças. Aqui estalavam gargalhadas grosseiras; ali guinchavam pipias de creanças; acolá retiniam ameaças e imprecações.

Condemnado verbal e summariamente, o thesoureiro viu-se de repente nas garras de tres dos corpulentos cyclopes da forja, que lhe arrancaram a aljubeta, o albornoz, (1) e a touca, (2) empunhando as tremendas varas da justiça popular.

— «Hi! olha as vassoura das senzalas!... Vae beijar o bode, bruxo!»

— «Cruzes, demo!»

— «Belzebu te valha, cão!»

— «Peior fez elle a Christo!»

— «Hu! morra o judeu!»

Estas consolações partiam das ruas apinhadas de entalha, e eram correspondidas nos degraus do pe-

lourinho, pelo regougar das comadres velhas do bairro, assentadas para assistir á paixão do judeu. No meio d'ellas a sr.^a Dordia Viegas açulava as iras com exclamações furibundas.

— «Fel e vinagre ao cão tismado» gritou ella meneando um viçoso braçado de hortaliça.

— «Olha a coruja rabugenta!» disse o alfageme ao coreovado da Portagem.

— «O tia Dordia tem muito fel e vinagre lá por casa?» exclamou elle.

A setta bateu no alvo. Não tinha fama de muito limpo o sangue da tia Dordia.

— «Não te calarás bôca dos sete peccados?» retrucou a sr.^a Dordia, ficando os punhos nas ilhargas, com a graciosa figura de moderno assador, «sete pragas te sequem as guellas, chamiço maldito!»

— «Simão Ferro, corta-me a lingua áquella serpente de clerigo!» respondeu mestre Pedro virando-lhe as costas.

Outra allusão cruel! A pudibunda matrona andava nas linguas da calumnia, por alegrar as penitencias de um servo de Deus.

Toda acceza em raiva ia já replicar, quando Simão Ferro, com dez dedos dignos da alcunha, lhe apertou os gorgomillos n'uma tenaz, obrigando-a a ficar sem resposta pela primeira vez da sua vida.

O judeu pagou por todos. As velhas gritaram em côro; e o povo gritou por ouvir gritar as velhas.

— «Assem o judeu!» clamou um couteiro.

— «Façam-lhe comer um porco vivo!» disse em tipte certo clerigo moço.

— «Deitem-no ao rio!» gritou um bésteiro torto.

Esta idéa, mais atroz e praticavel, mereceu o applauso do vulgacho. Muitas vozes repetiram:

— «Ao rio, ao rio o judeu! morra! mata!»

A assuada transformou-se então em revolta. Nem a cigarra, nem o armeiro, nem os cyclopes da forja podiam com ella. Como succede sempre, os amotinadores, deixando os capitães atraz, ameaçavam tudo. De um repellão os populares encurtaram o espaço que mediava entre elles e o pelourinho. Com clamores a um tempo estouraram como um trovão. Mestre Pedro empurrado, entalado, balouçado, elle tão possante e robusto, volteava no meio d'esta mó compacta como a pluma de um cavalleiro ondêa ao vento.

N'este momento critico o armeiro, que arrastára consigo o judeu até ao estrado do pelourinho, olhou para a rua, que ficava nas costas, e descobriu as armas e os saíotes verdes dos bésteiros do concelho, descendo a ingreme ladeira, com o illustre Sueiro Gundes, porteiro dos alvasis, no centro. Os amotinados tambem os viram, e recuaram; mas como o tigre, era para melhor armar depois o salto!

(Continúa)

INSTRUÇÃO POPULAR

II.

Por muito tempo a alteração das vozes latinas appareceu traduzida no modo de escrever dos tempos, e já depois mesmo que a cultura classica chegara ao seu maior esplendor, com a dictadura litteraria dos quinhentistas, o romano menos escrupuloso não absolvia os peccados orthographicos, que ficaram eternizados nas paginas das edições impressas d'aquelle tempo. Um classico não escrupulisava de chamar a Virgilio, um *Romão* (queria dizer um romano) nem julgava peccar contra a santidade das regras dos Po-

(1) Manto arabe largo e talado.

(2) Gorgo de pelle muntisco, que os palcos usavam.

tiscos ou Calepinos d'aquellas eras, commettendo a notavel indiscripção de soletrar com um *l* só o veneravel cognome de *Tulio*, ou de escrever *chã* e cruamente *aver*, decapitando sem cerimonia, e despojando do seu *h* monumental o verbo *habere* dos latinos.

O remodelamento classico da lingua portugueza não produziu pois immediatamente a orthographia etymologica, mas indirectamente a apressou, trazendo a necessidade de reflectir no parentesco das duas linguas, na sua identidade em muitos pontos, e a necessidade pedantesca de dar á linguagem um colorido de erudição e de classicismo, vestindo as antigas corruptelas romanas com as vestes emprestadas d'uma orthographia genuinamente classica.

D'aqui resultou que mais e mais se foi a escripta affastando da prosodia geralmente recebida, e a lingua portugueza, quasi unica e indivisa, apresentando o phenomeno singular de não ter um só dialecto provincial bem caracterizado e distincto; ao passo que mantinha na palavra oral a sua unidade admiravel, dividiu-se pela orthographia em dialectos barbaros e absurdos, não de provincia a provincia e de aldêa para aldêa, senão de individuo para individuo; não de sabio para ignorante, não de letrado para idiota, senão de sectario d'esta escola para entusiasta d'aquell'outra dentro do proprio circulo dos sabedores e litteratos.

Da exaggeração luxuosa da orthographia portugueza nasceu a sua miserrima anarchia. Quizeram dar ás palavras nacionaes, pobres palavras, colhidas e truncadas aqui e acolá no lexicon romano, todo o polimento, todo o culto archeologico de palavras scientificamente derivadas, e tiveram em resultado a confusão e a desordem orthographica. Quizeram vestir as palavras barbaras com a louçania das antigas palavras romanas, e obtiveram por fructo de todas estas estereis locubrações a desharmonia mais injustificavel e irracional entre o som, que é a essencia da palavra, e o signal phonico que o deve textualmente representar na escripta.

A nossa lingua, rica de palavras herdadas naturalmente de Roma, opulentada com termos numerosos colhidos aqui e acolá no espolio das litteraturas mortas, accrescentada com vocabulos, prudentemente nacionalizados pelos fundadores da litteratura quincentista, copiosa de phrases e modos de dizer elegantes e singelos, racional na construcção, melodiosa na prosodia, igualmente propria e experimentada para todo o genero de estylos, desde o regrado da epopéa até aos arrôjos da lyrica, desde a narração conceituosa e concisa até á declamação luxuaria e asiatica, o idioma nacional, que seria uma das mais cultas, das mais populares, das mais universaes linguas da Europa, se na Europa tivessemos mais influencia e poderio, e se mais territorio dominassemos na Europa, a lingua portugueza está dando, e deu sempre ao mundo litterario um documento unico e inaudito, a ausencia completa de uma orthographia, geralmente consentida, universalmente sancionada em todo o paiz.

Variações radicaes, profundas no modo de escrever tem-n'as tido, tiveram-n'as sempre as linguas mais artisticamente construidas, mais affectuosamente cultivadas. Com os tempos a pronuncia varia em vozes identicas; o tempo vae polindo e aperfeiçoando as palavras e a alteração da orthographia vae seguindo de perto as variações forçadas da prosodia. As inscripções romanas das primeiras idades da republica, a lapide de Duilius, ou o primeiro tratado de Roma com os carthaginezes, não tiveram certamente a mesma orthographia que distingue a lin-

gua do Lacio na idade florentissima em que a Musa romana cantou livre e desassombrada de todas as péas dos tempos barbaros. Froissard e Commynes, Montaigne e Rabelais não escreveram como Bossuet e Fenelon, e Fenelon e Bossuet acharam Voltaire para lhes corrigir, ou ao menos alterar a orthographia. O Saxonio de Chaucer não é nem nas vozes, nem na escripta o inglez alatinado de Pope, nem a orthographia dos primeiros monumentos litterarios da lingua inglesa igual á de Byron ou de Thomas Moore.

J. M. LATINO CORRÊA

BREVE E UTIL IDÉA DO COMMERCIO, NAVEGAÇÃO
E CONQUISTA DA ASIA E DA AFRICA

Mihi autem non minori cura quam
Respublica sit hodie, quam qua
futura sit.

CICERO — DE SENECTUTE

14.^o Supposto este principio, que melhor do que eu pódem os theologos concordar com o bem do estado, se deve passar ao outro de felicidade do mesmo commercio, este é o que respeita a direitos de entrada e saída; são abusivos e prejudiciaes todos os que actualmente se pagam, e assim mesmo a fórma por que se recebem. Em Goa, Damão e Diu devem pagar-se só quatro por cento de entrada, e absolutamente nada de saída; em Moçambique cinco por cento de entrada, nada de saída; nos rios de Sena nada de entrada, e nada de saída. Em todos os mais portos da costa de Africa oriental, dez por cento de entrada, e dez por cento de saída. Deve prohibir-se uma marca que em Moçambique põe o governador aos pezos duros de Hespanha, que introduzem os francezes das ilhas, para valerem dobrado preço do que significam; deve prohibir-se a saída do ouro que não seja amoedado, e para este fim, e para que não saia por contrabando, se devem estabelecer duas casas de moeda, uma em Moçambique, e outra nos rios de Sena, e a moeda deve ser feita com tres por cento sobre o valor do ouro ou da prata. Os navios que a companhia fretar, será a tanto por tonelada ao mez, como paga a companhia ingleza.

15.^o Para conduzir com ordem estas idéas é preciso, que havendo tratado da população e da casa de moeda do rio de Sena, comece pela sua importancia. É certo que n'estas provincias ha as maiores minas de ouro que se conhecem, pois que trabalhando só e quasi furtivamente as pretas d'aquelles moradores sem ordem de minerar, e sem os conhecimentos que requer esta arte, que ignoram e desprezam os pretos do paiz, são uma quantidade de ouro que bastantemente mostra qual é a sua riqueza, se as ditas minas forem trabalhadas com arte, e com ordem na direcção dos trabalhos. Quando governei Angola, combinando a distancia que ha entre as nossas ultimas povoações ao sul de Benguella com as ultimas tambem dos rios de Sena, que são as de Chicova, Zumbo, Bardepamba, e outros logares, entendi que o terreno, que medeava por descobrir era muito pouco; mas que assim mesmo exigia duas providencias, uma prompta e facil, porém dependente de despezas, e de guarnições nos logares novamente descubertos; esta era a de que no mez de maio saíssem corpos de tropas, e negros do paiz dos sertões de Benguella, e outros iguaes de Chicova nos rios de Sena, e na mesma altura uns que os outros, a encontrar-se, e dar-se as mãos para descobrir e senhoriar

todas aquellas terras que possuem as ditas grandes minas.

16.^o A segunda providencia, posto que mais lenta, mais segura, era a de ir adiantando as povoações de uma e outra parte para que pelo meio do commercio se viessem a encontrar, e fazer todos uns, para que os thesouros d'aquella região pudessem chegar á Europa pelo caminho mais facil e mais breve de Benguella. Porém muito depois tive informações seguras de que todos aquelles potentados estão sempre promptos a vender aos portuguezes por uma bagatela empregada em fazendas da India todas as suas minas, e de que as mais importantes são as de Manica, cujo reino está ao sul da capital de Sena quinze dias de viagem, d'onde se segue, que se a rainha nossa senhora mandar todos os annos uma pouca de fazenda da India, e da Europa, a que fôr necessaria para sortimento, assim como o velorio, comprará insensivelmente aquellas terras e minas, e abrirá a sobredita util communicação sem despeza, e com proveito da sua real fazenda, porque dando as minas aos povos com obrigação de pagar-lhe o quinto debaixo das regras estabelecidas no Brazil, fica claro que toda a despeza, que fizer, assim na remessa das gentes, como na sobredita compra, lhe será bem depressa satisfeita.

17.^o Posto que na abertura proposta das terras haverá sempre muita terra inculta, não será justo que se façam prasos tão grandes, como os que estão feitos nas terras já habitadas, porque parece impossivel que um só habitante, por muitos escravos que tenha, possa trabalhar tão grandes extensões de terra, antes vendo-se que alguns moradores tratam com notoria negligencia estes ditos prasos, se lhe devem remover em parte, ou em todo, como fôr justo, dando-os a quem os cultive; e porque toda a força de novos povoadores que se mandarem, seria inutil, se não fosse guiada pela arte, será preciso mandar não só dos mineiros habeis e pobres, de que abunda o Brazil, mas ainda homens habeis da Europa, que conhecem todos os outros mineraes, plantas uteis e pedras preciosas, e de tintas, porque todo aquelle paiz abunda de infinitas riquezas até agora desconhecidas, e quando em alguma parte fosse necessaria a força, poucos brancos com os pretos do paiz conquistam toda a Africa.

18.^o Igualmente que a população se deve introduzir nos rios de Sena, deve tambem comprehender todos os portos da costa, especialmente as ilhas de Querinda, livrando-os todos do commercio dos francezes e outras nações, estabelecendo alfandegas debaixo das regras já dadas no artigo 14, de fórma que em pouco tempo esteja toda aquella costa em ordem e segurança; o que feito assim, se verá que aquelle paiz vale tanto a Sua Magestade, como vale aos hespanhoes a nova Hespanha.

19.^o Na ilha de Moçambique, e terra firme deve haver o mesmo cuidado na população; e porque além das despezas que correspondem á nova segurança, em que deve estar toda aquella costa, e que é preciso que recaiam sobre o erario regio, em quanto não está bem estabelecido todo o novo projecto. Consta que ha grandes desordens nos enganos que fazem aos pretos na compra do marfim: póde talvez ser util estabelecer-lhe um prego fixo e justo, estancando-o a favor da fazenda real, assim como esta em Angola; com a differença porém de que comprando aos pretos sómente pela fazenda real, e por um prego fixo e inalteravel, se venda o privilegio de extrahil-o para a India a um ou mais moradores, que queiram; fazendo conveniencia a real fazenda ter tambem o lucro, que lhe fica correspondente.

20.^o Por mais que se explicassem estes principios e com maior extensão, seriam inuteis, se caíssem na mão de um governador ignorante, ou tibio: é necessario um espirito criador, que não conheça a voz do interesse; pagar-lhe bem, porque é insignificante, e incapaz de sustental-o o soldo, que ali tem, e castigal-o severissimamente, se constar que fez o menor interesse proprio. Sendo bom, como já disse, elle adiantará praticamente estas regras, elle as amplificará, e as fará tão proveitosas, como sem muito trabalho se percebe, e se póde vér mais claramente na informação que se ajunta ao fim d'este plano.

21.^o Estabelecida pois toda a ordem, em que deve estar o governo de Moçambique, é necessario formar uma companhia para a Asia, que comprehenda este commercio, que seja unicamente exclusiva do cabo para fóra, porém de nenhum modo do cabo para dentro, porque ali deve o commercio ser livre, em ordem a que se restabeleçam os portos de Asia, e da mesma Africa, os quaes não poderiam florecer, se a companhia fizesse um commercio exclusivo dentro do cabo; pois não poderiam animar as subsistencias dos moradores ricos que facilitem o commercio, quando pelo contrario todo este iria parar á mão dos inglezes nos seus portos, e acabaria de todo o nosso imperio de Asia. Esta companhia póde ser mais importante em commercio, e a mais util para Portugal. As suas regras são as que se seguem no plano junto.

(Continúa.)

— Não respondas ao louco segundo sua loucura, para que te não faças semelhante a elle.

SALOMÃO — PROVERBIOS.

— Ai de nós se, quando o enfado da vida, ou a desesperação nos metter na mão o punhal, para o cravarmos no peito, a religião nos não accudir.

BASTOS — MEDITAÇÕES

Assigna-se para este semanario: em Lisboa, no armazem de livros do Editor, rua do Ouro, n.^{os} 227 e 228, e nas lojas dos sr.^{es} Lavado, rua Augusta, n.^o 8, Bravo, rua do Ouro, n.^o 212.

São correspondentes do *Panorama* no Porto, o sr. A. R. da Cruz Coutinho; em Coimbra, o sr. A. H. Dardalhon; em Braga, o sr. Freitas Guimarães; em Santarem, o sr. José Firminio d'Azevedo Pereira; em Setubal, o sr. Manoel José Ferreira; na Ilha de São Miguel, o sr. M. C. d'Albergaria e Valle; e na Ilha da Madeira, o sr. A. J. de Araujo.

Preços: — Por anno ou 52 n.^{os} 1,300 rs. Por semestre ou 26 n.^{os} 700 rs. Numero avulso 30 rs.

Os sr.^{es} que desejarem subscrever para o anno de 1853 queiram declaral-o quanto antes, em Lisboa, aos distribuidores, ou nos logares acima citados, e nas provincias aos correspondentes, ou *por carta franca de porte*, dirigida ao Editor, e acompanhada de uma ordem da respectiva importancia.